



— Jornal dum Comunista

Ano 8 - Janeiro de 1939 - Nº 51



x x x ...

UMA CARTA



... x x :

Cadeia-Penitenciária de Coimbra : 30 de Novembro de 1938.

Ao Director :

É o recluso e o homem que lhe escreve. O recluso é aquele a quem se persegue e a quem se trata com má vontade evidente e dá ra em todo o seu proceder para comigo desde que interinamente tomou conta da Directoria desta cadeia. É o preso desassombrado que não o teme, que o encara firmemente, que analisa até ao fundo da sua alma o rancor que injustificadamente me tem. O senhor diz-se cristão e tem esquecido, no mau proceder para com a minha pessoa, todos os mais elementares deveres para com um semelhante e, se quiser, a urbanidade, a delicadeza, para aquele que não pensa como o senhor. Não sou católico mas assiste-me o direito de lhe afirmar que não compreende o cristianismo e que olvida as palavras mais belas e doces do Sermão da Montanha - o carinho e a indulgência de Jesus da Galileia para com todos os homens.

É o senhor e todos que procedem como você procede - e misto a imensa maioria do clero e dos católicos - que sepulta em escombros essa igreja de que se diz filho - essa igreja que mantém a afirmação de ser a guardiã dos ensinamentos de Jesus.

O senhor mal que se viu firmado um passo, quero e mandou tratar de perseguir alguém que pensa contrariamente e com todos os subterfúgios dar aparências de razão a um proceder de que intimamente o senhor próprio não concebe mas que exteriormente faz alarde para se dar ares de forte - de valentão que sabe oprimir um inimigo ainda que para isso tenha de inventar faltas, criar atritos, engendrar, enfim, mil e um motivos só pelo prazer de saber agir e ser forte... É nada mais ilusório! O senhor desconhecia de que a verdadeira fortaleza estava naquele com quem ia embater, de que era difícil acertar no alvo e que já mais este se renderia aos tiros fracos e hesitantes das suas armas - legais, sim, mas indecorosas.

Quem é o "mau inimigo", onde está a maldade? Em mim ou no senhor? Então não está farto de ver a razão que me assiste, a lialdade que ponho nos meus protestos, o pouco receio que tenho da sua clava em nada hercica?

Então o senhor imaginou que eu já deixei de ter a solidarieda

de dos meus camaradas, ou mesmo que a não tivesse me renderia às suas afrontas e aos seus ataques pouco edificantes?

Está enganado, redondamente enganado. Que você nunca simpatisou com as regalias que me dava o Dr. Sardinha, sei-o de há muito. Mas é que este como político e psicologista está acima de ver ignorante de que o senhor dá provas em matéria política ou psicológica para além que encetou por uma estrada diferente no caminho da regeneração humana. Conhecendo o meu ser, e minha forma de pensar, até a minha vida o Dr. Sardinha nunca me achou "mau", pelo contrário, muitas vezes ilogizou a maneira altruísta e nobre como eu defendia um ideal, o meu sacrifício, a bondade que era dotado e a firmeza das minhas convicções. E todavia nada mais contrário à minha forma pensante: O Dr. Sardinha é fascista militante, sério, lial; eu sou Comunista militante igualmente sério e lial.

Em Paris, procurei como psicologista, tratar-me persuasivamente, como uma liberdade de sentimentos que ao senhor se lhe afigura mal e pouco católica... não me levou pela violência por compreender que sou refractário a ceder a mal e que nada faria de mim. Em contraposição eu respeitava esse senhor e só bem tinha a dizer dele e fazia o possível por não ter nenhuma atitude que ferisse os seus sentimentos religiosos ou ideológicos visto que o merecia plenamente. Depois de ter partido para uma missão guardei intacta a espontânea atitude de meu proceder mas... o senhor veio e logo senti os primeiros sintomas dum mal vontade injustificável e a violência de querer-me sujeitar a normas ilegais dum brutalidade sem nome. Começa então a sua surpresa, a revelação de que eu chegava satisfatoriamente para as arremetidas miseráveis e de que não caía com facilidade nas armadilhas que me armavam com pleno consentimento do senhor que torceu a razão ao máximo respondendo a titubear e com subterfúgios às minhas alegações mais que verdadeiras. Você sentiu-as mas fingia não perceber. Elque atrás de si havia um padre, o capelão desta cadeia que não podendo arrastar o Dr. Sardinha arrastava com facilidade o amigo... Como vê tenho psicologia e intuição mais apuradas de que o senhor calcula.

A mesma intuição psicológica levou-me a sentir de que quando eu há meses atrás andava num raquitismo físico alarmante o senhor não me tratava por motivos que eu percebia muito bem. A pontas do Dr. Sardinha me abonar por conta dele ovos e leite absolutamente necessários ao meu organismo combalido. Não me queixei, ele viu... e que você como médico não queria ver. Agora também não quiere ver a minha razão porque sente que me persegue sem motivos e quando a razão lhe salta aos olhos provoca a minha exaltação para com esta justificar as medidas opressivas que ordena arbitrariamente contra mim.

Sem falar nos outros casos que aliás não há cão nem gato na cadeia que não saiba os motivos, o senhor deu provas, como o caso da carta, agora, de cancro acerbo, chamando maldade à razão que saltava aos olhos, apedando-me com adjectivos que só ao senhor cabem.

Em três anos que estou aqui foi sempre norma as minhas cartas virem do gabinete do Director de novo ao chefe da ala ou a um substituto para lhe parecer a visto e mandá-las para o correio. Com o senhor em Director tem sucedido também assim, porém, você, com visível interesse de confundir e esquivar os responsáveis pelo desaparecimento dum carta, teve o impudor de desmentir o que até desde

há 3 anos à penúltima carta que enviei tem sucedido. Esquece que pergunto sempre se as cartas seguem ou não seguem e que vejo o chefe dos guardas entregá-las ao encarregado da ala e ouvir dizer que podem seguir. Se não suceder assim, entre centenas de cartas que tenho escrito, com uma que o senhor autorizou escrever à minha mãe quando me encontrara de castigo. Foi esta a única que o chefe da ala não recebeu depois de censurada. Claro, o senhor diz que é mentira, que eu sou mentiroso e mau como se eu, se tivesse capacidade para medir a maldade, ou medir a dos outros pela sua, se a tem... é o que esquece.

Manuel dos Santos.

GES
PCP

UM ANO VAI... OUTRO VEM...

Mais um ano que passa. Já lá vão seis anos de cárcere, o sétimo principia... Medindo, contando não nos lembra só o longo, o atroz sofrimento da nossa pessoa; juntamos também que mais seis anos passaram de tirania e de ancoio, seis anos que o Povo português mais conta de opressão, de fome e de luta.

Lembramos igualmente as nossas camaradas baqueadas e agueles que exilados e deportados têm os olhos postos na terra onde nasceram, na terra que querem fazer livre e semiga e por ela sofrem.

São seis anos de perpétuo esperar, seis anos que passaram de ilusões sebastianistas, o "hoje", o "amanhã", que não vieram mas que hão-de vir pelo esforço e heroísmo dos homens.

Quanto a mim nada há que demova a minha fé, a certeza histórica dos destinos dos povos, o raciocínio que a evolução nos agudiza para cremos no que é inevitável, na marcha gloriosa dos ideais do futuro. Foi o sacrifício que me fez clarividente e me fez homem. Foi o ideal que abracei que me fez revolucionário e o Partido em que milito estaleco. Porisso as brutalidades que passámos e aquelas que passamos não conseguiram vencer-nos moralmente nem conseguem jamais.

Dias, meses, anos terríveis passar

rarn, passarão ainda, talvez, mas serão impetentes para apagar do nosso peito a chama comunista, a centelha que heroicas gerações fizeram germinar nos peitos proletários e vibrante se alteia iluminando de risenho futuro a nova Humanidade.

Um ano vai... outro vem... e neste que nasce não vislumbramos tiranos se balas se ferjam para os a bater ou se o sol raioso da liberdade nasce para aquele ou este povo em luta e opresso.

Tremem os tiranos rodeados de baionetas, os povos sofrem mas movem-se.

= Heróis =

Com a retirada dos voluntários, combatentes de solidariedade com os proletários espanhóis, abandonaram o campo de combate milhares de antifascistas irmãos de todas as raças que deram sangue e vidas pela defesa da liberdade e do futuro. Nós, a quem os combatentes honraram com a homenagem de recordarem o nosso nome na organização das suas brigadas, saudamos os heróis que agora retiraram em obediência aos acordos diplomáticos assinados pelo governo do Povo. Saudamos de todo o coração os que parte, como enviamos a nossa saudade aos que heroicamente ficaram baqueados nos campos de batalha da Espanha.

UMA ATITUDE INDIGNA.

Estamos acostumados a ver muitas misérias, traições e cobardias sem nunca deixarmos de ter repulsa por miseráveis que deshonram com atitudes indignas um ideal colectivo e trazem ao inimigo imensas provas de contumácia e vilezas de corrupção pelo abuso da força e da miséria de todos aqueles que sem consciência se sujeitam a todas as baixezas.

Ernesto Rodolfo de Mascarenhas, ex-primeiro cabo do exército e condenado a prisão maior pela revolta militar de Bragança em Outubro de 1933 contra a ditadura, generoso anti-clerical, novo, inteligente levou cinco anos de cárcere a atacar em prosa e em verso a corrupção e a cumplicidade católica com o governo na tirania que há 13 anos exerce contra o povo português. A cobardia, o medo de a ditadura ainda viver outros 13 anos acaba de levar Mascarenhas ao confessionário, a assistir aos ofícios religiosos celebrados na cadeia e a um repúdio da solidariedade que devia ao povo antifascista. A reacção dirigente do cárcere veste galas e canta vitória servindo-se do miserável para atacar o comunismo e a maçonaria em conferências feitas pelo próprio traidor.

O bandalho muito em segredo diz que é "táctica" como se a tática fosse marreável para qualquer cobardia e traição impudentes.

Avisamos os nossos camaradas para que espalhem por todos antifascistas esta traição do cabo Mascarenhas e digam que não foi uma tática que o levou a comungar com os tiranos mas sim o medo e a falta de estoicismo no sofrimento. Mais um covarde e um traidor.

A ACÇÃO UNIVERSAL DA IGREJA PARA A RECONQUISTA DE PAISÕES

A Igreja católica rearmar-se de novo com a acção persistente no mundo, com uma nova tática de combate que causaria espanto aos mais sinistros personagens da sua história se fosse possível viverem para a contemporaneidade. A Igreja vai encontrando pouco a pouco de novo o poderio que a fez temível e de consequências tão funestas foi para a Humanidade quando o exercia plenamente.

O século da ciência começou a ver "milagros" psicologicamente aplicáveis aos mais variados sistemas dos peros e ao estado de tensão ou de revolta em que se encontram. A França precisava de uma Lourdes, Portugal depois da perseguição ao clericalismo e doente pelas convulsões internas e pela guerra mundial necessitava de uma Fátima. A Inglaterra materialista e protestante de uma santa; os Estados Unidos ateus e livres de uma canonização. O Japão e a China de mártires, a Alemanha de Hitler de fenômenos etc. A seita de Hoiola ainda não morreu, ela vê, ela persegue e espalha os tentáculos através do mundo prendendo numa rede sinistra toda a Humanidade.

A Igreja clama liberdade para si e revolta quando a tem, contra os que atacam a sua eterna cumplicidade com a tirania. Em Portugal reina, vive com os tiranos e combate com eles o Povo. A miserável ressurgiu e serpente na teja, rasteja...